



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## OS COMPONENTES TEMÁTICO, ESTILÍSTICO E COMPOSICIONAL NA CRÔNICA JORNALÍSTICA BRASILEIRA

**Autores:** CARLA ROSELMA ATHAYDE MORAES, ANA MÁRCIA RUAS DE AQUINO, DANIELA IMACULADA PEREIRA COSTA, LETÍCIA VERÔNICA MENDES VELOSO

### Os componentes temático, estilístico e composicional na crônica jornalística brasileira[1]

#### Introdução

Este trabalho configura-se como uma reflexão sobre o gênero textual crônica jornalística, nos seguintes aspectos de sua constituição: temática, estilo e construção composicional, que permitem considerá-la como enriquecedora da nossa compreensão da língua e do discurso verbal. Quando discutimos “aspectos próprios da crônica jornalística brasileira”, pensamos na forma como ela se configura e se reconfigura, influenciando e, ao mesmo tempo, sendo influenciada pela dinâmica da vida social no espaço da mídia impressa e, também, nos motivos pelos quais sua prática foi e é tão respeitada. Tanto que, nos jornais, os cronistas são “escolhidos a dedo”, é um espaço de prestígio. Lembremo-nos aqui: como imaginar uma sociedade sem histórias e sem formas de contá-las? O que move a vida humana social, histórica é a problematização, é a intriga que se encontra em germe nos acontecimentos. Por isso, acreditamos que é impossível que as formas de contar morram, a não ser que morra a vida social dos homens. As crônicas apresentam essa necessidade de narrar dos sujeitos. Temos, portanto, como objetivo, demonstrar de que forma o exercício de leitura da crônica é significativo, quando abordamos o gênero sob o prisma de sua constituição temática, estilística e composicional. Justificamos tal abordagem com o fato de que o Brasil, país com tantos problemas em relação à leitura, tem, na leitura desse gênero, a oportunidade de um produtivo e crítico exercício de leitura. A crônica é benquista, lida por camadas relativamente variadas da população, o que confere a ela um lugar de destaque na realidade sociocultural da atualidade no Brasil.

#### Material e métodos

Quanto à abordagem teórico-metodológica deste trabalho, embasaremos nossas discussões nas lições de Bakhtin (2000) a respeito de gênero textual e de discurso. Além deste, seguiremos, nas trilhas desse autor e de outros como Charaudeau (2006), no que se refere a encontrar formas, estratégias de explorar o discurso verbal. Ainda, nossas reflexões se enriquecem também com as abordagens teórico-práticas de Ricoeur (2007), Parret (1998), Certeau (2007), Benjamin (1994) naquilo que suas reflexões têm de preocupadas com o objeto de discurso que se configura nas crônicas: o cotidiano, em sua articulação com o relato. Em geral, a vida cultural na sociedade permite o acesso dos indivíduos a protótipos e até a fragmentos dos gêneros, o que torna possível a sua assimilação, seu aprendizado, tanto de leitura quanto de escrita. A cada função social, comunicativa, correspondem um ou mais gêneros que designam estas funções, por meio dos quais interagimos com os que nos rodeiam. É certo que eles evoluem, transformam-se, atendendo ao dinamismo comum à vida social, porém conservam na sua configuração composicional, na sua “memória objetiva” traços de composição que nos permitem lidar com eles, utilizá-los em nossa comunicação. O estilo de língua da prosa no gênero crônica, na escrita, guarda o traço do despojamento, da simplicidade do linguajar, do apelo a um vocabulário composto por termos, em sua maioria, de fácil alcance quanto ao sentido, característicos das narrativas orais, desde as mais antigas que a humanidade tratou de divulgar, típicas do cotidiano. A crônica moderna, nessa passagem do cotidiano ao jornal, busca neutralizar traços muito típicos, particulares de comunidades restritas, pela própria procedência do seu público: o cidadão urbano. A linguagem, nesse caso, como em todos os outros, é percebida e trabalhada pelo cronista como um material genuinamente socioideológico, portadora de pontos de vista sobre o mundo, numa tentativa de união harmoniosa com a instância cidadã. Quanto à estruturação configuracional desse gênero, observamos que ele é um texto curto. No jornal, não pode “ocupar” muito o leitor. Pelo menos ocupar um demorado tempo/espaço reais, concretos de leitura. É uma leitura feita para se usufruir dela em breves momentos. Mas, nessa brevidade de tempo, ela deve deixar o leitor satisfeito.

[1] Este trabalho tem como fontes financiadoras: PROINIC-UNIMONTES/Iniciação Científica; Universidade Estadual de Montes Claros e Pró-Reitoria de Pesquisa de Montes Claros/Projeto de pesquisa institucionalizado “O processo de argumentação na crônica jornalística de jornal: a configuração da opinião”; agência de fomento de La distance entre les sujets [...] la distance peut être réduite, accrue ou maintenue selon les cas.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Metodologicamente, ainda, as práticas de análise exploram, numa das crônicas que compõem o *corpus*, sua temática, estruturação composicional e estilo, refletem sobre as razões do ajustamento de textos com qualidades e feições literárias ao espaço do jornal impresso, com o objetivo de relaxamento das tensões a que se expõe o leitor de jornal em outras matérias que, inclusive, trabalham discursivamente as tensões sociais, numa linguagem também carregada de um vocabulário com imagens tensas, nervosas. A outra crônica que compõe o *corpus* leva-nos, também, a nos interrogar sobre as práticas cotidianas dos sujeitos, vê-la como espaço de argumentação, de exercício de retórica contemporânea, de instauração de discussões em torno da vida social, em operações que buscam uma empatia entre interlocutores; enfim na posição de legitimidade institucional, discursiva e social do cronista por meio da imagem que ele confere de si mesmo: a do cidadão, tal qual o outro que o lê.

## Resultados e discussão

No caso particular da crônica, gênero aqui investigado, cumpre-nos alertar para o fato de que a sua brevidade, leveza e volatilidade não significam que seja desprovida de espírito reflexivo e crítico de seu autor. Nela vemos esboçada a figura de um ethos com seu projeto de fala, de um logos com possibilidade de conduzir o raciocínio, a ação do outro, alvejando-lhe o pathos. Dessa sorte, acreditamos no caráter dialógico da linguagem, o que nos leva a citar Bakhtin (2000, p. 354), que nos faz a seguinte recomendação: “[...] não convém compreender a relação dialógica de modo simplista e unívoco e resumi-la a um processo de refutação, de controvérsia, de discordância. A concordância é uma das formas mais importantes da relação dialógica. A concordância é rica em diversidade e em matizes.”

Em face dessas características e papéis próprios à linguagem, cabe-nos considerar as crônicas produzidas entre nós, buscando identificar e analisar as peças utilizadas pelo cronista no jogo de sedução que estabelece com o leitor, peças essas que incluem o diálogo com o seu leitor. Veria aquele o seu público-alvo como um adversário, ou como um parceiro da criação? Quem seria esse público-alvo ao qual a crônica se destina?

Para responder a essas questões, recorremos a Meyer (1993, p. 22), que define a retórica como “a negociação da distância entre os sujeitos”, distância essa que “pode ser reduzida, aumentada ou mantida segundo o caso”<sup>[2]</sup> (tradução nossa). De nossa parte, acreditamos que o objetivo do cronista é diminuir a distância entre si e seu interlocutor. O seu desejo é obter a anuência do leitor e, se possível, “a comunhão das almas”, conforme nos deixa entrever um de nossos cronistas de maior renome, Rubem Braga: “Às vezes, também, a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso ajudou alguém a se reconciliar consigo mesmo ou com a sua vida de cada dia [...]” (BRAGA, 1996, p. 157).

Verificamos, portanto, de acordo com resultados parciais, que essa incorporação do leitor no texto pode funcionar como um mecanismo criador de identidade, de familiaridade e, conseqüentemente, de hábito de leitura. Por se sentir próximo ao cronista, o “homem das ruas” não se sente excluído do universo da escrita, mas, sim, parte do cotidiano do escritor, do jornal que veicula a sua criação.

## Conclusão

Com essas reflexões, torna-se possível evidenciar, na conclusão preliminar deste trabalho, como o entendimento desse discurso enriquece a compreensão que temos da língua, do gênero explorado aqui, alcançando o que deve ser o objetivo maior de um estudioso da linguagem verbal: conhecê-la melhor para melhor usá-la e ajudar os outros em seu uso; compreendê-la discursivamente como fonte de conhecimento do próprio ser humano, ser de pensamento e de linguagem.

## Agradecimentos

[1] Este trabalho tem como fontes financiadoras: PROINIC-UNIMONTES/Iniciação Científica; Universidade Estadual de Montes Claros e Pró-Reitoria de Pesquisa de Montes Claros/Projeto de pesquisa institucionalizado “O processo de argumentação na crônica jornalística de jornal: a configuração da opinião”; agência de fomento à pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob o nº 301301/2013-0. [2] négociation de La distance entre les sujets [...] la distance peut être réduite, accrue ou maintenue selon les cas.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Ao PROINIC-UNIMONTES, por conceder-nos bolsa de Iniciação Científica; à Universidade Estadual de Montes Claros, por apoiar e institucionalizar nosso projeto de pesquisa intitulado “O processo de argumentação na crônica jornalística de jornal: a configuração da opinião”; à Fapemig, por apoiar e fomentar nossas pesquisas; à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros, por dar suporte e garantir o desenvolvimento do nosso projeto de pesquisa.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BENJAMIN, Walter. (1994). **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAGA, Rubem. A palavra. In: BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEYER, Marlise. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a crônica. In: MEYER, Michel. **Questions de rhétorique: langage, raison et seduction**. Paris: Librairie Générale Française, 1993.
- PARRET, Herman. **Le sublime du quotidien**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

[1] Este trabalho tem como fontes financiadoras: PROINIC-UNIMONTES/Iniciação Científica; Universidade Estadual de Montes Claros e Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros/Projeto de pesquisa institucionalizado “O processo de argumentação na crônica jornalística de jornal: a configuração da opinião”; agência de fomento FAPEMIG; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais; PIBID/Unimontes; FADENOR; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em parceria com a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

négociation de La distance entre les sujets [...] la distnce peut être reduite, accrue ou maintenue selon les cas.